O Fluir da Pintura

\* “……Os trabalhos que encontramos nesta exposição participam num momento de viragem

da produção deste artista que data 2008 e que já foi objecto da exposição Geometrias

Abertas, no ano passado no Auditório Municipal de Gondomar, ela própria inspirada

nas acumulações de madeiras e contentores que Victor Costa anteriormente fotografara

no Porto de Leixões. As geometrias referidas no título são formas quadradas ou cúbicas,

como outros tantos quadros dentro do quadro, ou espaços de relativa autonomia dentro

do quadro, que invadiam, por vezes dominadoramente, os campos de cor e de sinais

anteriores e ainda perfeitamente visíveis e que constituem o coração da poética plástica

deste artista. Neste momento essa viragem continua enquanto se transforma, já que a

volumetria das formas cúbicas anteriormente apresentada evoluiu para dois tipos de

objectos visuais: um paralelepípedo aberto nos topos e numa das faces, uma espécie de

grande calha ou de malhete fêmea, e a sua transformação num painel articulado que vai

inventar uma série de espaços compartimentados a tender para o labiríntico. Dir-se-ia

que, de 2008 para cá, o anterior universo pictural de Victor Costa, um rio de fluidos e

de sinais, foi invadido por estruturas aparentemente mais rígidas que ao mesmo tempo

organizam e entram em confronto com esse universo anterior.….”

“….Há muitos anos, na década de 60, um conhecido pintor e crítico francês, Michel

Seuphor (1901-1999), publicou um livro de ensaios intitulado O Estilo e o Grito,

referia-se ele ás duas grandes vertentes da pintura abstracta ainda dominantes na

segunda escola de Paris, com vertentes geométricas por um lado, e, líricas, pelo outro.

Essa antiga distinção surge-nos bem actualizada, fora das polémicas abstracto versus

figurativo há muito obsoletas, nestas pinturas mais recentes de Victor Costa que

parecem encenar uma dupla e contraditória necessidade: a de organizar e construir o

espaço e a de se deixar guiar pela pintura. A um primeiro olhar nada mais estável do

que estas estruturas, porém elas só se erguem, enquanto construções, para o nosso olhar

imaginariamente as subverter a partir das sugestões que a pintura dá, elas são estruturas

enganadoras, ilusórias mas não ilusionistas, quando atravessadas pelo olhar; elas são

também manifestos simultâneos de mudança e de continuidade convergindo num antigo

e contínuo fluir da pintura “ tomando sempre novas qualidades”…..”

\*fragmentos do texto de José Luís Porfírio para a exposição Under Paintings em 2010 ,nas Galerias do Jornal de Notícias do Porto e Diário de Notícias de Lisboa